

A reinvenção de sertanejas: o mercado das trocas intersubjetivas

Profa. Ms. Jailma dos Santos Pedreira Moreira¹ (UNEB-UFBA)

Resumo:

Trata-se de uma releitura do movimento de reinvenção de si e do sertão no texto-vida de Rachel de Queiroz e de mulheres trabalhadoras rurais do semi-árido baiano. A partir da crítica cultural feminista, realizamos um jogo entre Rachel de Queiroz e a personagem Conceição de O quinze, de cujo resultado tem-se uma fatura crítica para além de princípios do manifesto regionalista e em sintonia com o movimento de mulheres trabalhadoras rurais que, reinventando outras personagens para si, inserem-se no mercado econômico-cultural e rasuram uma tradição patriarcal capitalista que predestinava a mulher rural ao espaço privado, ao trabalho doméstico reprodutivo e a uma exploração diversa. Estas mulheres encenam um mercado de trocas intersubjetivas, que se configura na reescrita de si, na reinvenção compartilhada de uma imagem da sertaneja, para além daquele sujeito isolado, sem voz, (in)existindo num mundo subsumido pela seca.

Palavras-chave: artesanato, subjetividade, micropolítica, feminismo, literatura

*A saúde como literatura, como escrita,
consiste em inventar um povo que falta.
Gilles Deleuze, Crítica e clínica.*

Buscamos, com essa comunicação, tornar visível o movimento de reinvenção de si e do sertão presente no texto-vida de Rachel de Queiroz e de mulheres trabalhadoras rurais do semi-árido baiano, mais especificamente do município de Santa Luz. Para tanto, trabalharemos com algumas cenas, as quais apontam para o trançado discursivo-subjetivo que queremos enfatizar.

Podemos iniciar a questão nos perguntando quem é Rachel de Queiroz e quem são as mulheres trabalhadoras rurais do território do sisal, Nordeste da Bahia. Como possíveis respostas, poderíamos pensar, no que diz respeito à Rachel de Queiroz, na imagem da escritora enquanto um dos ícones do regionalismo do período de 1930, que, como tal, estaria a denunciar, a representar, a seca e a miséria sertaneja, os seus seres minguados, inventando um olhar para o sertão. Na esteira de uma leitura do Manifesto Regionalista, estaria ainda a valorizar as tradições, os princípios, os modos patriarcais de se viver.

Pensando ainda no sujeito Rachel de Queiroz, uma imagem que também temos do fenômeno literário, atributo dado à mesma, pelo fato do estouro, na época, do seu livro O quinze. Por conta também desse estouro, desse enquadramento na linguagem considerada literária, naquele período, Graciliano Ramos, conforme entrevista transcrita nos Cadernos de Literatura (1997), teria desconfiado de se tratar ali de um escritor, de um homem, tamanha era a limpidez daquela escrita.

No que diz respeito às mulheres trabalhadoras rurais, como busca para uma possível resposta sobre quem são elas, poderíamos pensar em uma falta de registro sobre as mesmas, uma certa imagem nula, visto que se procurássemos os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, os arquivos da Previdência Rural, até bem pouco tempo atrás, não encontraríamos mulheres rurais listadas como trabalhadoras e como beneficiárias de direitos trabalhistas, dentre eles o de uma Seguridade Social. Conforme Paola Cappellin Giuliani (2004), somente em 1986 se cria, no nível nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), uma Comissão da questão da Mulher Trabalhadora e somente em 1992 se institui, na Força Sindical, a Secretaria Nacional da Mulher.

Em termos de uma certa legalidade, poderíamos sem receios dizer que tais mulheres inexistiam, visto que muitas delas não tinham, e ainda dependendo do lugar, não tem documentos, como carteira de identidade, que comprovassem sua imagem jurídica, e com isso, a possibilidade de ter acesso a direitos básicos como atendimento médico e escolarização. Ainda que perguntássemos a

elas próprias, há algum tempo, sobre a sua configuração enquanto mulher trabalhadora rural, pesquisas indicam que a inexistência seria por elas mesmas reiterada, visto que muitas não se viam como trabalhadoras do campo, nem do lar, e sim como simples ajudantes ou donas de casa que em nada contribuíam para o sustento da família. E mesmo que perguntássemos ao nosso imaginário, talvez este esboçasse como uma resposta possível, a imagem de que são mulheres que, por viverem nos sertões, estão isoladas de tudo e de todos, quase sem voz ou sem possibilidades de serem ouvidas.

Para pôr em xeque tais respostas, sem deixar de questionar a pergunta que as desencadeou, vamos trazer à baila duas cenas que nos proporcionam buscar, visualizar, outras imagens no texto-vida tanto da escritora regionalista, quanto das mulheres rurais do território do sisal, Nordeste da Bahia.

A primeira cena refere-se a um trecho de *O quinze*, conhecido como o livro que trata da seca de 1915. Eis sua transcrição:

– A bênção, Mãe Nácia – E Conceição, com o farol de querosene pendendo no braço, passou diante do quarto da avó e entrou no seu, ao fim do corredor.(...)

Foi à estante. Procurou (...) um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesa, junto ao farol.

Aqueles livros - uns cem, no máximo, eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso (...)

Pegou no primeiro livro que a mão alcançou, fez um monte de travesseiros ao canto da cama, perto da luz, e, fincando o cotovelo neles, abriu (...) o volume.

Conceição o folheou devagar, relendo trechos conhecidos (...)

E ao repô-los na mesa, lastimava-se:

– Está muito pobre, essa estante! Já sei quase tudo decorado! Levantou-se, foi novamente ao armário. E voltou com um grosso volume (...)

Até que Dona Inácia, ouvindo o cuco do relógio cantar doze horas, resmungou de lá:

– Apaga a luz, menina! Já é meia-noite!

(...)

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... (QUEIROZ, 1989, p.3-5.)

Em uma outra página de *O quinze* encontramos uma continuidade da cena anterior:

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:

– E esses livros prestam pra moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

(...)

– De que trata? (...)

Conceição ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais idéias:

– Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema...

Dona Inácia juntou as mãos, aflita:

– E minha filha, para que uma moça precisa saber disso?...(QUEIROZ, 1989, p.80.)

Com esta cena, já podemos pensar em uma outra imagem para a mulher sertaneja, para o sertão, para além da paisagem da seca, para além dos valores patriarcais que conformam um viver, visto que Conceição, sua personagem, ousa reler as questões femininas, desnaturalizar as verdades que formataram modos de pensar e agir tanto de homens como de mulheres, a exemplo, no romance, da personagem dona Inácia. Conceição se destaca como aquela que se sobrepõe aos desígnios de uma perversa naturalização dos papéis femininos e pode selecionar suas leituras, rejeitar aquelas já decoradas, contrastando com um possível ambiente que convida para uma subordinação, uma aceitação do destino, uma não possibilidade de releitura, de reescrita, um definhamento das potencialidades humanas.

Rachel de Queiroz inventa uma personagem conceitual que encena a tripla relação entre saber-poder-si, que explicita a subjetividade enquanto forças de produção, produção do pensar, do imaginar, do criar, do inventar para além de uma linha que esteriliza a natureza. Conceição, então, enquanto personagem conceitual a ser destacado nessa releitura, nos leva a pensar no devir mulher da escritora, no trançado continuado de invenção de outras personagens para si, já que desconfiamos ativamente de sua assertiva registrada em entrevista no *Cadernos de Literatura* (1997): “minhas mulheres são danadas não são? Talvez seja ressentimento do que não sou e gostaria de ser”.

Percorrendo as várias páginas da textualidade de Rachel de Queiroz, inclusive contadas por ela e sua irmã, no livro *Tantos anos*, encontramos as marcas de uma mulher que faz da sua escrita de vida devir, que se permite, rompendo a força de uma moral patriarcal, casar e descasar, viajar sozinha, transitar por vários espaços em uma época, primeira metade do século XX, ainda estritamente excludente com relação a outras possibilidades para mulheres. Encontramos as marcas de uma escritora que, ciente das exclusões do patriarcado, dos valores e saberes que este prescrevia, procura, estrategicamente, cortar a cerca e trazer para a cena uma galeria de outras personagens possíveis, inclusive a de mulher escritora. Foi, dessa forma, estrategicamente, lapidando a linguagem, cortando os seus “penduricalhos” para desfazer-se do estilo água com açúcar atribuído ao feminino, que Rachel de Queiroz impressionou Graciliano Ramos, perfurou um cânone literário-patriarcal, sendo a primeira mulher a adentrar na Academia Brasileira de Letras.

Com isso, Rachel de Queiroz nos instiga a perguntar pelo que fizeram do sujeito feminino e do masculino, Rachel-Conceição torna-se para nós uma espécie de personagem conceitual que nos instiga a pensar em outras lógicas, outras invenções e reinvenções de si, dos sujeitos (femininos), dos saberes, dos espaços, do tempo, das correlações. Leva-nos a pensar em devir, em abertura, como a imagem que buscamos reter, não só de Conceição, como também de Rachel de Queiroz, quando ainda menina tinha acesso a diversos livros, inclusive os considerados proibidos para a sua idade e para o sexo feminino, acesso a uma diversa literatura, sem esquecer dos autores considerados revolucionários ou perigosos, desviantes, na época, como Leon Trotsky.

Entretanto, Rachel de Queiroz, assim como sua personagem Conceição, pertenciam a famílias que tinham condições de comprar livros, de ter livros em suas estantes, o que nos leva a perguntar pelas formas de apropriação de outros saberes sobre si, criadas pelas mulheres rurais do Nordeste da Bahia, às quais, na sua maioria, não podiam contar com esse recurso familiar ou escolar e viviam sob o jugo de uma exclusão também capitalista que lhe destinava miséria, pobreza e distanciamento dos meios de produção. Mas antes de explorarmos tal questão, gostaríamos de trazer

para o nosso texto outra cena que queremos descrever e que diz respeito à escrita de vida de mulheres trabalhadoras rurais do semi-árido baiano. Mais uma imagem que, lembrando o que tínhamos dito antes, nos levará a pôr em xeque as possíveis respostas dadas à pergunta: quem são as mulheres rurais?, bem como a este questionamento.

Acompanhando o trançado textual dessas mulheres, fomos encontrá-las, na primeira semana de um mês de março, no campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), considerada uma cidade pólo da região que estamos tratando. Descobrimos que o aglomerado de mulheres trabalhadoras rurais não se restringia somente ao período comemorativo dos 8 de março, nem mesmo ao espaço do campus da Universidade, pelo contrário, elas estavam constantemente se reunindo. Mas, a imagem que queremos descrever, focalizando esse momento e espaço, é significativa para as relações que queremos visualizar.

A imagem, portanto, refere-se à Feira de Economia Solidária ou Feira de Mulheres Produtoras realizada durante o evento chamado Semana das Mulheres. Nessa feira visualizamos mulheres em grupos cooperados, como a cooperativa de artesanato de trabalhadoras rurais de Santa Luz denominada Mulheres de Fibra, trocando saberes e vendendo os seus produtos artesanais, comidas típicas, artefatos de sisal, frutos de um trabalho autogestionário, que o acompanhamento com maior proximidade do grupo de trabalhadoras de Santa Luz nos permite falar.

Assim, as bolsas de sisal tecidas pelo Mulheres de Fibra e expostas na citada feira, nos levam ao seu processo de produção, ao trabalho destas mulheres realizado no Povoado de Miranda, zona rural do município Santa Luz-BA. As mulheres dividem em conjunto suas tarefas e o espaço-tempo a ser dedicado a este artesanato. Dessa forma, toda segunda-feira liberam-se de outras atividades para elas prescritas e passam manhã e tarde articulando outros destinos para as fibras de sisal, criando outros projetos para as bolsas, para suas vidas, articulando outras saídas para uma precariedade que força uma inviabilização, como, por exemplo, o fato de não se ter maquinaria adequada, nem recursos suficientes para forrar os artefatos, forçando um não acabamento destes. Entretanto, as mulheres criam saídas onde não haveria saídas, e nesse dia promovem um encontro de muita troca de conversas: umas com as outras, consigo mesmas, configurando um espaço-tempo subjetivo de artesanato de si, de cuidado de si, em meio ao trançado coletivo de tiras de sisal, em meio à troca também de alimentos, já que neste dia almoçam em conjunto.

Nos encontros diversos, nos dias das feiras, o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Santa Luz comparece, como tantos outros da região, tornando visível a Rede de Produtoras que criaram entre si, ou COOPERREDE, como depois passou a ser chamada. Tal rede se amplia com outras articulações num ataque estratégico contra o capital patriarcal, que exclui a mulher rural do circuito de produção e lhe condena à feminização da pobreza, visto que em certo sentido a põe de fora do seu sistema, além de prescrever seu destino numa espécie de grotões dos sertões, desvalorizada no seu trabalho doméstico e na agricultura familiar.

O fato é que a imagem que visualizamos na tessitura textual dessas mulheres vai de encontro a uma instituição imaginada para elas e também por elas, por vezes, repetida. O diferencial parece estar na percepção de que podem tomar as rédeas dessa instituição, podem imaginar, criar e recriar outros artefatos, outros personagens para si. Podem ser, portanto, como a feira explicitava, também produtoras. A feira mostrava inclusive a rede, o processo de produção. Encenava-se nela o momento das trocas. As pessoas procuravam outras para trocar saberes, serviços e elegiam nessa outra dinâmica de mercado cultural uma moeda própria, que recebia nomes característicos, criativos e diversos para cada encontro.

Esse processo de troca, que também vai se espalhando em nosso texto, era responsável pela própria constituição da Semana das Mulheres, que acolhia a feira de Economia Solidária. O evento era feito em parceria: Mulieribus, um Núcleo de Estudos sobre Mulheres e Relação de Gênero da UEFS, o Setor de Gênero do Movimento de Organização Comunitária (MOC), uma organização

não governamental bastante atuante na região, principalmente no que diz respeito às comunidades rurais, configurando-se, inclusive, como principal potencializador da organização de trabalhadoras rurais naquele território, além de outras entidades como o próprio Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF), o Centro de Apoio ao Trabalhador de Feira de Santana (CATRUF), o Fórum Baiano de Economia Solidária, dentre outras.

A organização do encontro, portanto, já apontava para uma co-relação de forças e o próprio evento explicitava, em alguma medida, as nuances desse processo, a cena do mercado das trocas intersubjetivas que mais queremos explicar. Nessa Semana, as mulheres trabalhadoras rurais também participavam de palestras, oficinas e debates sobre temas que lhes interessavam, como agricultura familiar, previdência entre outros. A economia solidária em consonância com a economia subjetiva nos proporcionava um olhar sobre o trabalho de si, nos encenava as várias mãos nesse artesanato subjetivo. Com isso, recorrendo à imagem de Rachel de Queiroz e, mais especificamente de Conceição, tendo acesso a outras leituras, outros livros sobre o feminino, poderíamos dizer, no tocante às mulheres trabalhadoras rurais da Bahia que o espaço da Feira, da Semana das Mulheres, configura este quadro de acessibilidade a outras estantes proporcionado pela agência dos mediadores.

Ou seja, são os mediadores, como por exemplo a universidade, via o seu Núcleo de Estudos sobre Mulheres e o setor de gênero do MOC, que proporcionam às trabalhadoras rurais do território do sisal o contato com outras leituras sobre o feminino, inclusive a desnaturalização de verdades sobre o universo que as cercam, abrindo um leque de outras possibilidades de representações de e para estas mulheres. Isso se dá, inclusive, via os diversos encontros, Seminários, cursos que o setor de gênero do MOC e o *Mulieribus* promovem. Cursos diversos sobre gênero, violência, cidadania, economia solidária, dentre tantas outras temáticas, promovendo um encontro destas trabalhadoras rurais com diversas teorias e teóricas nacionais e internacionais e engendrando uma transnacionalização discursiva, uma rede ampliada ou uma globalização alternativa, contra um imaginário patriarcal capitalista que se reatualiza, se dissemina, por vezes de formas imperceptíveis, em tempos de reestruturação produtiva.

Nesse sentido, se podemos visualizar como decorrência desse processo os Manifestos conjuntos, as passeatas coletivas, como a Marcha das Margaridas, como um momento em que essas mulheres, em suas redes rizomáticas, vão até a capital federal reivindicar direitos que lhes dizem respeito, não só como mulheres, mas como sujeitos humanos, como, por exemplo, direitos a recursos hídricos, a agroecologia, a soberania e segurança alimentar, a educação e saúde, ao combate a violência sexista, a documentação, a direitos previdenciários, a um desenvolvimento sustentável, dentre outros, é preciso pensar também nas singularidades desses processos, nessa dinâmica de trocas.

Assim, é nesse sentido que percebemos essas mulheres, como Conceição e Rachel de Queiroz, não só acessando como produzindo outros conhecimentos sobre si, outras personagens para si, criando outras possibilidades de leituras, rejeitando textualidades decoradas, reescrevendo suas histórias, reivindicando outros olhares e imagens sobre si. É nesse sentido que percebemos Millie Thayer (2001) falando em re-leituras de Joan Scott no sertão, explicitando também o seu aprendizado nesse seu intercâmbio com mulheres sertanejas e brasileiras. Com isso, essa dinâmica de trocas intersubjetivas nos alerta para a via dupla da mediação. É por essa via que percebemos as mulheres trabalhadoras rurais, como as Mulheres de Fibra, operando outros conhecimentos sobre si, sobre seu trabalho, criando, dentro dos seus contextos, espaços-tempo outros, engendrando, com mais apoio e parceria, uma economia solidária.

Nessa linha, também observamos o grau de alcance da Semana de Mulheres dentro do âmbito da universidade, a possibilidade de troca, renovação, enriquecimento das estantes. A possibilidade, com uma multidão de mulheres trabalhadoras rurais no campus da universidade encenando trocas solidárias, de uma maior tradução dos esforços do *Mulieribus* contra um saber patriarcal que ainda

se assenta nas estantes universitárias, nas suas leituras falocêntricas. Como tantos outros grupos de estudos de mulheres e relações de gênero em universidades, é sabido das dificuldades de institucionalização de outra práxis teórica, de um conhecimento suplementar, entretanto, com o movimento dessas mulheres no espaço acadêmico, é indiscutível a parcela de reforço nesse rasgo, nessa rasura do saber considerado científico, nessa desconfiança para com a ordem discursiva, inclusive para com aquela que se quer diferencial.

Por conseguinte, também no âmbito do setor de gênero do MOC, a importância da mediação recai não somente no assessoramento constante que este realiza para com o MMTR, não apenas na articulação estratégica do MMTR, como meio de garantir geração de renda, de inserção nos mercados locais e internacionais, via a difusão da Rede de Produtoras, de participação nas instâncias de decisão, opinando e propondo políticas públicas que levem em conta as demandas das mulheres trabalhadoras rurais. A importância da mediação recai também sobre o setor de gênero do MOC, no sentido de uma força ampliada que retorna provocando um maior reconhecimento do trabalho desenvolvido por tal setor no âmbito do MOC, uma escuta mais atenta para o que dizem essas mulheres, para o seu potencial de mobilização. O programa de gênero ganhou tratamento transversal na estruturação do plano de intervenção do MOC, com isso, é o próprio Movimento de Organização Comunitária que também ganha outros olhares para si, outros parceiros nesse diálogo de tensões ativas.

Com isso, é possível dizer que Rachel de Queiroz, nesse nosso intertexto, também vira mediadora do movimento de mulheres trabalhadoras rurais do sertão baiano. E, nessa via dupla, como dissemos, com Rachel de Queiroz relemos a poética de trabalhadoras rurais baianas e, com estas, a textualidade daquela. Com Rachel de Queiroz em inter-relação com as mulheres trabalhadoras do sertão sisaleiro, aprendemos a visualizar outras mulheres rurais, outras mulheres sertanejas, para além de uma imagem inexistente, subsumida pelo olhar que só vê a seca, desprezada por certos saberes-poderes que nunca buscaram ouvir, acolher, seu movimento criativo de vida. Uma imagem da mulher sertaneja retecida no artesanato coletivo, para além da perspectiva de enquadrá-la num canto ressequido do fogão, isolada de tudo, sem acesso a informação. Assim, para uma imagem do sertão com seca, outra, de mulheres sertanejas fazendo a revolução da revolução. Lutando por direitos a uma existência digna, por um sertão com equidade, democracia, redistribuição e cooperação. E nesse movimento, essas mulheres vão reinventando a si, a outras e outros, aos sertões disseminados. E, com sua dinâmica de reinvenção, nos ensinam a potencializar as articulações, nos fazendo perceber o sujeito como intertexto, nos fazendo pensar em forças solidárias, solicitar práticas reciprocitárias entre mulheres, homens e Estado, por exemplo, no que diz respeito aos cuidados (re)produtivos.

Portanto, nesse ponto do artesanato textual, observando o movimento de reinvenção de si, realizado por essas sertanejas, a questão primeira é forçada a se modificar. Ao invés de indagar: quem é Rachel de Queiroz? Quem são as mulheres trabalhadoras rurais do sertão baiano? Talvez devêssemos nos perguntar, nesse jogo tensional de sentidos, de valores subjetivos, por: quem é que podem ser estas mulheres? E ainda: Qual a nossa parcela nessa miragem? Nossa parcela nessa visualização-reinvenção de uma rede de produtoras, de escritoras de si, apropriando-se das linhas discursivas que as constituem, acessando outras estantes, trocando saberes intersubjetivos, encenando outra economia, outras ficções sociais, outros modos de vida, de relações, contra um capital patriarcal mundial que busca homogeneizar, capturar as forças criativas, a estética da existência? Qual a nossa parcela no movimento de transformação de personagens conceituais em personagens reais?

Por fim, nesse mercado de trocas subjetivas, nessa dinâmica de reinvenção de mulheres sertanejas, ainda nos caberia perguntar: que estamos fazendo com a nossa moeda própria? Já a encontramos? Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, n. 4, *Rachel de Queiroz*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, set./1997.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Péter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FORO, Carmem Helena Ferreira. As transformações na relação de trabalho e cidadania no campo: produção, reprodução e sexualidade. In: LIMA, Maria Ednalva Bezerra de; et. al. (Orgs.). *Transformando a relação trabalho e cidadania: produção, reprodução e sexualidade*. São Paulo: CUT/BR, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, 4 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, MEC, 1967.
- GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- QUEIROZ, Rachel de. *Obra completa*. Vols 1-5. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989.
- _____; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- THAYER, Millie. Feminismo transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão. In: *Revista de estudos feministas*. Florianópolis, v. 9, n. 1, jan./jun. 2001.

¹ **Jailma dos Santos Pedreira MOREIRA, Profa. Ms.**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com doutorado em finalização na Universidade Federal da Bahia (UFBA).
jailmapedreira@uol.com.br